

## BELEZA E ESPIRITUALIDADE EM FRANZ ROSENZWEIG:

uma contribuição para o estudo da estética na

*Estrella de la Redención*<sup>1</sup>

BEAUTY AND SPIRITUALITY IN FRANZ ROSENZWEIG:  
a contribution for the study of aesthetics at *The Star of Redemption*

Viviane Cristina Cândido<sup>(\*)</sup>

### RESUMO

Neste artigo pretendemos evidenciar o pragmatismo de Franz Rosenzweig (Kesseel, 1886 – Frankfurt, 1929), em meio ao debate decorrente acerca da possibilidade de um pragmatismo religioso. O método que utilizamos é o estudo de suas obras, mais diretamente *La Estrella de la Redención*, voltando-nos para uma questão, por assim dizer, prática, que é a Estética e os entrelaçamentos possíveis entre a Arte, o Belo e a Salvação. Em primeiro lugar traçamos os principais conceitos extraídos da *Estrela* e, na sequência, apresentamos o estudo desta mesma obra, feito por Garrido-Maturano no que concerne à estética rosenzweiguiana. Por fim, considerando o conceito de *Milagre*, apresentamos os entrelaçamentos entre a vida de Santa Teresa D'Avila e o escultor de sua imagem Gian Lorenzo Bernini tecendo, assim, uma ligação pragmática dos conceitos abordados neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia da Religião. Franz Rosenzweig. Pragmatismo. *La Estrella de la Redención*. Estética. Milagre.

---

<sup>(\*)</sup>Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do NEMES - Núcleo de Estudos em Mística e Santidade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP. Membro fundador e coordenador da Sociedade Internacional Rosenzweig - seção Brasil. Docente do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. E-mail: [vivianecandido@uol.com.br](mailto:vivianecandido@uol.com.br)

<sup>1</sup> Esse artigo tem como ponto de partida dois dos trabalhos de Franz Rosenzweig em tradução espanhola, *La Estrella de la Redención (Der Stern der Erlösung)* e *El Nuevo Pensamiento* e o trabalho de Ángel Enrique Garrido-Maturano no artigo *La consumación del arte en silencio* publicado na tradução espanhola da obra de Franz Rosenzweig, *El nuevo pensamiento* e em seu livro *La Estrella de la Esperanza* que, segundo o próprio Garrido-Maturano, pretende ser uma introdução sistemática à *La Estrella de la Redención de Franz Rosenzweig*, a partir de uma perspectiva fenomenológica. A tradução dos textos do espanhol para o português é de responsabilidade da autora.

**ABSTRACT**

*In this article we intend to evidence the pragmatism of Franz Rosenzweig (1898 - 1929), among the current debate over the possibility of a religious pragmatism. The method that we used is the study of his works, more directly The Star of Redemption, turning ourselves to a question, as we say, practical, which is the Aesthetic and the possible interlaces between Art, Beautifulfulness and Salvation. In the first place we outlined the main concepts extracted of The Star and, in the sequence, presented the study of the same work, written by Garrido-Maturano in which concerns to the Aesthetics of Rosenzweig. At last, considering the concept of Miracle, we present the interweaves between the life of Saint Teresa D'Avila and the sculptor of her image, Gian Lorenzo Bernini, framing, with this, a pragmatism connection of the concepts broached in this work.*

**KEYWORDS:** *Philosophy of the Religio. Franz Rosenzweig. Pragmatism., The Star of Redemption. Aesthetic. Miracle.*

**1 PARA ALÉM DE UMA INTRODUÇÃO**

Este artigo constitui-se em duas diferentes abordagens sobre o trabalho de Franz Rosenzweig. A primeira tem como referência nossa pesquisa bibliográfica do autor, buscando fundamentar epistemologicamente o estudo da religião na escola, de maneira específica, e iluminar os entrelaçamentos entre Educação e Religião, de maneira geral (CÂNDIDO, 2008). A segunda baseia-se em estudos relativos à estética na obra desse autor, os quais são, por assim dizer, esboços, uma primeira aproximação dessa temática específica, considerando ainda o fato de serem recentes os estudos no tocante a esse aspecto da obra rosenzweigiana na literatura especializada.

Ángel Garrido-Maturano, em seu artigo *La consumación del arte en silencio* aponta que, até aqui, a maioria dos estudos relativos à principal obra de Franz Rosenzweig, *La Estrella de la Redención*, buscaram, a seu ver, analisar a teologia e a filosofia da linguagem mas não deram atenção ao que chamou de *sistema de estética* que se depreende desta obra. (2005, p. 207-208).

Ao nos aproximarmos do tema da estética em Franz Rosenzweig na *Estrella de la Redención*, pretendemos contribuir com o olhar da Filosofia da Religião, a fim de tratar, o mais conjuntamente possível, das concepções teológicas e filosóficas para além da linguagem, e da proposição estética intrínseca à *Estrella*. Garrido-Maturano ao apresentar seu *objetivo de caráter filosófico*, procura “realçar os aspectos hoje em dia vitais da estética de Rosenzweig, enunciando aqueles que continuam nos ajudando na atualidade a compreender o que é, o que diz e quando se consolida uma obra de arte” (GARRIDO-MATURANO, 2005, p. 208). Apontando para a perspectiva fenomenológica, nós pretendemos considerar, a partir daí, a concepção de beleza rosenzweigiana como plenamente

imbricada numa “espiritualidade” – a qual caracterizaremos como resposta na relação -, que acontece como realidade temporal.

O Belo é um respondendo que, sendo resposta, se atualiza e se eterniza, porque é belo para alguém, chega a nós pelos nossos antepassados e se coloca adiante de nós em nossa descendência. Conseqüentemente, a obra de arte não é em si, como já evidenciado por Garrido-Maturano e, do mesmo modo, a arte também é um acontecendo que se dá na vida e na realidade de sujeitos concretos em suas relações, vividas e representadas ou simplesmente vividas, entre si, com o Mundo e com Deus, constituindo assim a evidência de nossa perspectiva pragmática.

Uma das principais contribuições da Filosofia da Religião para o estudo da religião na contemporaneidade reside, precisamente, em possibilitar, via referenciais epistemológicos, o diálogo entre o que entendemos até aqui como razão e o que podemos chamar de razão religiosa, ou seja, a reserva semântica constituída pelas tradições religiosas, em seu acontecer no mundo, traduzida em conceitos. Temos, então, à nossa disposição, um conhecimento religioso que, desse ponto de vista, deveria compor o que chamamos de conhecimento científico e filosófico.

Desse modo é que entendemos a possibilidade de superação do despedaçamento, visível e característico da modernidade, pela multiplicidade necessária para que homens e mulheres contemporâneos compreendam a Si mesmos, aos Outros, ao Mundo e a Deus, ou seja, a realidade em que vivem.

Para Rosenzweig, a modernidade prefere a redução como modo de pensamento. Especificamente acerca do conhecimento religioso, assim escreve em seu livro *El Nuevo Pensamiento*, publicado em 1925, quatro anos depois de sua obra principal, *La Estrella de La Redención*, como resposta às críticas a essa última:

*Ainda hoje são infatigavelmente permutadas uma e outra vez as possibilidades de “redução” de cada um dos três fenômenos mencionados (homem, mundo e Deus) a outro respectivo: possibilidades que, grosso modo, caracterizam as três épocas da filosofia européia: a cosmológica antiga, a teológica medieval, a antropológica moderna. E, em especial, naturalmente ao pensamento preferido da modernidade: a redução ao eu. (2005, p. 20).*

Como aponta Reyes Mate, Rosenzweig é capaz de ver que a razão secularizada é também religiosa:

*Para Rosenzweig a universalidade da razão moderna é, em primeiro lugar, abstrata. A modernidade é um programa de absolutização do homem, de sorte que tudo o que não é absoluto no homem não tem lugar na humanidade ilustrada. Do absoluto se encarrega o conceito que é a forma de conhecer do logos. [...] Em segundo lugar, é particular. [...] Nada nega que a razão moderna é uma razão secularizada, isto é, emancipada de sua origem cristã. Quando se diz que é “cristã” não se quer confundir a “ratio” com a “fides” e sim que a razão moderna é precisamente uma razão secularizada ou emancipada de suas origens. [...] O judeu Rosenzweig, todavia, vê algo mais. Vê, com efeito, que a razão secularizada é mais “religiosa” do que os ilustrados pensam. (2003, p. 413).*

O desafio aqui é bilateral: de um lado, consiste em superar a idéia de um pretenso conhecimento religioso acumulado e, dessa forma, universal, demonstrando as limitações impostas por conceitos como cultura, fenômeno religioso e transcendência, tomados como “universais” e, conseqüentemente, distante das experiências dos indivíduos reais em suas realidades locais; de outro, trata-se de superar os desafios impostos pela institucionalização das religiões - que deveriam ser respostas - e por uma visão econômica de Deus e da religião, entendida como forma de recebimento de recompensas<sup>2</sup>.

Como exemplo de uma abordagem que considera a perspectiva local, tomemos o conceito transcendência. Tratando do tempo na narrativa como sendo o real e que nada quer saber da essência, Rosenzweig compara o antigo e o novo pensamento no que concerne à compreensão dos termos imanência e transcendência: “Se, por exemplo, o antigo se colocava o problema se Deus é imanente ou transcendente, o novo procura dizer como e quando Deus passa a estar longe e a estar perto e de estar perto de novo e estar longe”. (2005, p. 29).

Para ele, uma vez que o que temos e podemos conhecer é a relação entre Homem-Mundo-Deus, as três potências são transcendentais na medida em que se relacionam, e isso, implicitamente, significa um sair de si mesmo. A nosso ver, o teólogo Juan Antonio Estrada situa essa problemática no âmbito da modernidade ao afirmar que se trata de “uma situação paradoxal, em que se combina um maior espaço para a liberdade pessoal e uma menor capacidade para decidir por si mesmo; uma sociedade plural, porém, cada vez menos diferente, uma vez que todos compartilham o mesmo código sociocultural”. (ESTRADA, 2006, p. 180).

Para Rosenzweig é a vida, a experiência mesma que se dá nas facticidades, que levará ao conhecer. Por essa razão é que, na introdução à *Estrela*,

<sup>2</sup> A exemplo, numa leitura sociológica das religiões consultar STARK, Rodney; W.S. Bainbridge. *A Theory of Religion*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.

para falar da vida, fala antes da morte! Para ele, é exatamente por medo que a filosofia busca o conhecimento do todo, desejando recusar o simples fato de sermos mortais e, inevitavelmente, caminharmos para a morte.

A filosofia, que em última instância remete ao filósofo que é o vivente, pretende negar as angústias da terra, quer saltar a tumba que se abre sob seus pés, pretendendo separar corpo e alma para sair dessa angústia. Mas a angústia da morte não reconhece tal divisão e, de todo modo, o homem mesmo quer permanecer, quer viver, assim a angústia da morte só será vencida na medida em que se viva com o medo (ROSENZWEIG, 2006, p. 43-44), e diante dele o homem não paralise, prossiga.

A filosofia deveria ouvir os gritos da humanidade e entender que a morte e a angústia que ela gera não são o nada, e sim algo. Há muitas mortes, muitos nadas e, justamente, por serem múltiplos, *são* algo. Não se trata de um nada - único e universal, mas de um nada múltiplo no grito das vítimas da morte no mundo. E a filosofia, antes de ouvir esses gritos pergunta-se sobre o que é o mundo e tem se dedicado durante séculos à disputa entre saber e crer. (ROSENZWEIG, 2006, p. 45-46). Todavia, a forma de ouvir e responder a esses gritos, nossos próprios, dos outros, do mundo e de Deus é lançar-se na vida, sendo este o convite que Rosenzweig nos faz nas linhas que finalizam o texto da “Estrela”.

Em sua história, a filosofia retira o Homem, o Mundo e Deus de sua contingência, de seu sendo no mundo - lugar da experiência, lugar onde se dão as relações entre esses conceitos, lançando-os ou para a supervalorização de suas individualidades, ao isolá-los, ou para a abstração, a que está fadado todo aquele que é retirado do mundo, da contingência. O Homem, considerado pela filosofia como essencialmente ético, diante da impossibilidade de, com isso, responder às questões da vida, passa a ser designado metaético, enquanto sua contingência estaria em assumir-se criatura. O Mundo considerado pela filosofia como essencialmente lógico, diante da impossibilidade de, com isso, responder às questões da vida, passa a ser designado metalógico, enquanto sua contingência estaria em assumir sua criaturalidade. E Deus considerado pela filosofia como essencialmente *Physis*, diante da impossibilidade de, com isso, responder às questões da vida, passa a ser designado metafísico, enquanto sua contingência estaria em ser Criador. (CÂNDIDO, 2008, p. 180).

O que conhecemos como elementos vivos – Deus, Homem e Mundo –, os quais estão numa corrente circular em que nadam outros elementos, agora

estão extraídos dessa corrente. Descansam um ao lado do outro, fixos e plácidos, cada qual com o sentimento unitário e total da própria existência, cegos quanto a qualquer outra coisa de fora. Se isso é impensável será preciso perguntar pelas relações entre eles. A rota desse movimento, por sua vez, deve ter origem nos próprios elementos, do contrário dependeriam de nossa fé em sua facticidade e isso não confirmaria a imagem da realidade em movimento em que vivemos. (ROSENZWEIG, 2006, p. 125-130).

## 2 TOMAR EM CONSIDERAÇÃO O TEMPO

Somente é possível conhecer no tempo, inclusive as coisas últimas e supremas. Trata-se da temporalidade do novo pensamento.<sup>3</sup> Conhecer Deus, o mundo e o homem significa conhecer o que eles fazem nos tempos da realidade, pois o que fazem e o que lhes acontece é a experiência de seus vínculos. (ROSENZWEIG, 2005, p. 30-33).

Ao falar da Criação, Revelação e Redenção, o autor supera a perspectiva linear, usual da teologia e da história, e afirma uma perspectiva circular – uma corrente em que os elementos nadam vivos. Criação, Revelação e Redenção se atualizam no instante e na particularidade da vida e na singularidade do Mundo e do Homem.

O fluir desse brilho ao longo do tempo, sempre novo, é que libera as coisas do somente terem sido criadas e da angústia, que decorre do próprio fato de terem sido criadas, de voltarem ao nada, por um lado, e do ocultamento divino, por outro. Aqui, “a Revelação, precisamente em seu surgir incondicionalmente momentâneo, é o meio pelo qual a Criação se consolida em suas figuras”. (ROSENZWEIG, 2006, p. 207). Deus agora está presente como cada instante, de fato. Precisamente o instante, o tempo, é o que vem de fora, não de nós mesmos. Dele nada sabemos, não o controlamos. Quando cessar, morreremos.

O modo de amor que corresponde a Deus é o amor de amante, fonte de si mesmo, que brota a todo instante e por isso mesmo infiel porque sua singularidade está no instante e, assim, para ser fiel deve renovar-se a cada instante. “A Criação, coroada e enclausurada pela morte, não pode resistir-lhe: há de se

---

<sup>3</sup> Em *El Nuevo Pensamiento*, Rosenzweig aponta que o Segundo Volume da *Estrella* representa a realidade efetiva experimentada, superando a velha filosofia que perguntava sobre o que as coisas são ao entender que o real não “é”. Por esta razão, o método deste volume será o relato. Trata-se de uma filosofia narrativa por ter em conta que o que se narra está efetivamente acontecendo. Na narração interessa o verbo, a palavra que indica o tempo e é o tempo que é real para o narrador.

entregar a ele a cada instante também na plenitude de todos os instantes, na eternidade”. (ROSENZWEIG, 2006, p. 209).

Deus e o homem perguntam por um Tu, e então se encontram e todos sabem a resposta à pergunta sobre qual é o mandamento dos mandamentos, milhares de línguas dão testemunho disso de manhã à tarde: deves amar teu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças. Deves amar. O mandamento do amor só pode vir da boca do amante, é a própria voz do amor. É imperativo, imediato, surge no instante e já se faz palavra pronunciada no instante em que surge. É objetivo, presente absolutamente puro, sem preparativos, sem premeditação, não faz previsões para o futuro – se o fizesse seria a lei –, exige a instantaneidade da obediência. (ROSENZWEIG, 2006, 219-223).

### 3 O CONCEITO DE ALTERIDADE – O OUTRO

A diferença é sim e sempre um problema, porque o outro é sempre o outro, e somente esse fato já nos incomoda bastante. Esse *outro* é, inevitavelmente, situado e real demais para nossas tendências idealizantes, ‘abstratizantes’ demais. Para Barbara Herrnstein Smith, o confronto entre esse *outro real* e a “imagem que temos dele” é, por sua vez, a razão de nossa frustração e o espaço para os monstros, a que ela se refere ao tratar de como indivíduos ou comunidades e culturas inteiras respondem ao que ela chamou de *anomalias percebidas*:

*Algumas pessoas e comunidades parecem caracteristicamente fechar seus portões para excluir monstros, outras tentam convertê-los, ainda outras estão preparadas para alargar ou rearranjar suas casas para absorvê-los, e, claro, algumas pessoas e comunidades regularmente vão em frente e os matam. (SMITH, 2002, p. 217).*

Para Rosenzweig, Homem e Mundo atuam eficazmente, com vistas ao futuro, um sobre o outro, numa ação recíproca indissolúvel e apenas um terceiro pode redimi-los, Deus. Mas, a obra da Criação e o ato da Revelação atuam agora, autônoma e reciprocamente, como se Ele não existisse; é um nome que homem e mundo irão levar em seu coração e será pelos seus atos, em comunidade, que se dirá dele que é *bom*. E todos são convidados a dar graças, o mundo inteiro, todos os pagãos e aqueles que temem a Deus (2006, p, 277-282).

Assim, a existência é em sua realidade efetiva, o que significa que o homem é em sua relação com o outro, o mundo é em sua relação com os homens e Deus é na relação que crentes e não crentes assumem com ele. Essa incon-

dicionalidade da relação aparece na *Símula do Pensamento Judeu*: “O que foi colocado na *Estrela da Redenção* foi, antes de tudo, a experiência de fatalidade que precede todos os fatos da experiência real. Deus e o mundo e o homem”. E sobre a verdade: “Este ‘e’ constituía o início da experiência e portanto deve reaparecer no aspecto último da verdade. É por isso que nossa verdade deve necessariamente tornar-se múltipla... Assim, a verdade deixa de ser o que “é” verdadeiro e se torna uma verdade que quer ser verificada, realizada na vida ativa”. (GUINSBURG, 1970, p. 519).

O homem de verdade, pleno, é aquele do qual de sua resposta nasce a palavra e sua espera de Deus é marcha diante de um Deus que se revela. Ao abrir-se até ser pleno o homem se torna visível e audível, capaz do diálogo e de entrar nos sentimentos de seu interlocutor, não porque lhe impõe medo ou compaixão, mas pela contradição e cumplicidade. Sua visão de mundo e do seu próprio lugar se dá a partir de uma perspectiva determinada: do eu singular e próprio que reconhece sua existência trágica, transcorrendo em atos e padecimentos, carente de consciência, a não ser a de seus próprios limites. (ROSENZWEIG, 2006, p. 256-258).

O amor ao próximo, que supõe a entrega de si, mas a cada momento a vence, é a força que irrompe ao exterior desde as profundidades da alma, trazida pela vontade. Somente a alma amada faz de seu ato de amor no mundo mais do que um ato: o cumprimento de um mandamento de amor. E este cumprimento não é um ato isolado e sim uma série de atos: “O amor ao próximo está sempre brotando, é sempre um voltar a começar desde o começo; não há *decepção* que o confunda. Não lhe é lícito ter passado e tampouco deve ter em si vontade alguma de futuro, um *fim*: deve ser por completo trabalho de amor perdido no instante”. (ROSENZWEIG, 2006, p. 263).

O mais próximo é apenas representante, o amor não lhe é destinado unicamente, no instante fugaz em que o amor é presente recai sobre todo o conjunto – homens e coisas – o mundo, inacabado e em devir, não essência e não mera existência, mas a vida. A natureza orgânica é um signo visível de um conceito de vida que estende seus domínios para além de suas fronteiras. São vivos: os seres vivos, as instituições, as comunidades, os sentimentos, as coisas, as obras, tudo o que resiste à morte e isto é o que os distingue da mera existência. (ROSENZWEIG, 2006, p. 266-271). O conhecimento deles só é possível no tempo, para eles há um futuro: a Redenção que lhes chega, na sucessão de instantes. Sem esse futuro e conhecidos na existência seriam essências.

Por fim, a racionalidade ocidental mostra sua fraqueza exatamente diante da morte que atingirá a todos nós, crentes e não crentes. Sobre a Revelação e o outro, assim aponta Reyes Mate:

*A Revelação é orientação. [...] A Revelação quer dar a entender que nem tudo pode ser conhecido pois há algo que resiste a ser objetivado e que, por isso, podemos chamar de liberdade. Se tudo pode ser pensado, então não há como salvar a liberdade. [...] Revelação quer dizer por a palavra em forma de pergunta e a primeira pergunta é “homem, onde estás tu”? [...] A pergunta me faz recordar, em primeiro lugar, que há uma palavra recebida e, portanto, anterior a mim. Sou chamado por outro. Eu não sou o outro e sim eu me descubro graças à presença do outro. Devo-me ao outro. (2006, p. 421).*

Até aqui, tratando de duas importantes obras de Franz Rosenzweig, consideramos Deus como conceito, a Criação, a Revelação e a Redenção como instante/tempo/ação. Para o autor esse Deus é aquele em quem se crê ou não se crê. O que importa, na relação entre Deus e o Homem, é que este último considere que há algo fora de si, em última análise, o tempo. Como dissemos antes, assumir a Criação significa o homem saber que é criatura, logo não pode ser Deus... Considerar a Revelação e a Redenção, na perspectiva rosenzweiguiana, é saber que ambas acontecem na relação, naquilo que se faz ou não, do que decorre sua perspectiva pragmática.

É preciso superar a resistência ao novo e o hábito no tratamento desses conceitos e chegarmos, com Rosenzweig, à Vida que vence a morte a cada instante – o *Milagre*. Façamos esse caminho acompanhando Garrido-Maturano em sua busca de uma caracterização da estética rosenzweiguiana na *Estrella de la Redención*.

#### 4 UMA APROXIMAÇÃO DA ESTÉTICA A *ESTRELLA DE LA REDENCIÓN*

Para Garrido-Maturano, “a antecipação da chegada do Reino é experimentada na vida mesma. É nesta vida que desemboca e para a qual se conduz todo o sistema desenvolvido na *Estrella*”. Em sua leitura, a estética não é um capítulo à parte, ao contrário, se constitui sistematicamente ao largo de toda a obra de Rosenzweig. Na primeira parte da *Estrella*, na qual Deus, Mundo e Homem são concebidos pelo pensar como conceitos atemporais e sem relação entre si, o autor apresenta os traços de uma teoria da arte fundamentada nos elementos, isto é, numa pré-linguagem, representada pelas figuras do mundo

clássico: o deus do mito, o cosmos plástico e o herói trágico.<sup>4</sup> Todos isolados em si, sem relação. Trata-se aqui da essência da arte, de uma teoria do belo.

No mito, onde os deuses são espectadores do que acontece ao mundo e ao homem, ou seja, onde há uma compreensão metafísica de Deus, o conceito estético que traduz na arte essa concepção é o de *forma externa*, compreendida como *autonomia absoluta do belo*. A obra de arte, em razão de sua beleza, se afirma como absolutamente independente.

No cosmos plástico, o conceito estético é o da forma interna. O mundo clássico, ao contrário do mundo do idealismo, como disse Rosenzweig, é um todo preenchido pelas partes, configurado e harmônico e por isso permanece isolado e sem relação, constituindo-se como uma unidade estrutural fechada. É manifestação, segundo conceito estético fundamental e que se enraíza no conceito metalógico do cosmos.

No herói trágico o homem é um si mesmo e o conceito estético é o de valor (*Gehalt*). Aqui o dia da morte é o dia da consumação do si mesmo, no qual o destino mais próprio do homem e de seus desejos é morrer, é a identidade do si mesmo. O valor é a compreensão passiva, sem palavras e respostas, suscitada no espectador. Um silêncio que é entendido por todos.

Na segunda parte da *Estrella*, ainda segundo Garrido-Maturano, a arte não é mais mera exposição sensível de uma bela ideia, mas se insere no mundo da Revelação, ou seja, na realidade efetivamente acontecendo do tempo, das relações inter humanas e da linguagem. Aqui se trata da manifestação, uma teoria da obra.

Esse acontecendo se inscreve na série Criação-Revelação-Redenção. A arte, a partir dessas três categorias, rompe o isolamento e a autossuficiência da forma externa do belo, que se encarna na forma interna da obra e que é valorizada pelo espectador e passa a ser um processo real, temporal e lingüístico: o autor, a obra e o contemplador. A arte agora é realização de um projeto criador de um autor que comunica um prazer estético ao receptor ou contemplador. É projeto, realidade que suscita significados e existe para alguém que a interpretará.

Rosenzweig analisa as diferentes artes valendo-se dessas três categorias: o épico, o lírico e o dramático, inseridas no tempo representado pelo esquema

---

<sup>4</sup> Rosenzweig observará que essa forma de conceber a beleza e a arte como absolutas e autônomas, em razão de estar associada a uma compreensão filosófica e conceitual da realidade, estará presente ao longo de toda a história, não sendo privilégio da Antiguidade clássica e do paganismo. ( 2005, p. 214).

Criação-Revelação-Redenção para descrever integralmente o acontecendo da arte como processo real. Aqui a excelência do autor, sua genialidade, não está na criação em si, mas na capacidade de articular na obra o caos das figuras que tem dentro de si mesmo, de tratar a multiplicidade, e disso é capaz o poeta, razão também por que Rosenzweig irá considerar a literatura como a expressão plena da arte.

O caráter épico de uma obra corresponde ao tempo da Criação – trata-se de um projeto que se revela nela e a partir dela pode ser analisado. As artes plásticas, por serem especificamente espaciais, e o espaço é a forma da justificação, são épicas, posto que o todo pode ser abarcado panoramicamente pelo receptor de um golpe de vista e de imediato. No esquema Criação-Revelação-Redenção as artes plásticas supõem três conceitos estéticos: a visão criadora, a forma e o valor, ou seja, o significado que terá para o espectador.<sup>5</sup>

O caráter lírico é a categoria estética que se refere à manifestação da obra, correspondendo assim à Revelação. Cada detalhe se converte em uma pequena totalidade, pela dedicação do artista que se põe totalmente a si mesmo na execução de cada projeto singular – formosura lírica do instante, no qual se fundem o todo e as partes. O caráter lírico de uma obra resulta então da beleza de seus detalhes. Na música, a descoberta dessa beleza se dá por meio de um processo temporal do que decorre ser ela, para Rosenzweig, a arte lírica por excelência. São seus conceitos estéticos específicos o ritmo-Criação-totalidade articulada dos instantes, a harmonia-Revelação-multiplicidade harmoniosa dos sons em que se revelam os instantes singulares e a melodia-Redenção-uma totalidade sonora e animada para cada um dos instantes. A obra musical oferece o ritmo e a harmonia, Criação e Revelação no instante, por isso corresponde à Redenção.

A Redenção é o terceiro aspecto do processo artístico e tem lugar no caráter dramático, nas obras que se oferecem ao expectador e recriam sua vida, transcendem o meramente estético, a ponto de a obra, uma vez consumada, não pertencer mais ao autor. É o expectador quem retira a obra de seu isolamento mudo e lhe atribui significado.

É nesse sentido que a poesia - gênero literário como um todo, está em maior consonância com a Redenção. Não se trata apenas do espaço ou do tempo, mas do pensamento representativo, dito de outro modo, o pensamento

<sup>5</sup> Convém notar que se tratam dos mesmos conceitos estéticos considerados anteriormente, contudo, aqui se colocam no tempo Criação-Revelação-Redenção.

dá origem ao espaço e ao tempo. As categorias estéticas do dramático e da poesia são o tom-Criação, a linguagem-Revelação: “A diversidade da linguagem utilizada pelo escritor é o que confere a riqueza própria da obra literária. E a diversidade de linguagens individuais de cada escritor, o que confere a riqueza da literatura”. (GARRIDO-MATURANO 2005, p.231).

Finalmente, a ideia de um texto literário, a intuição intelectual englobada na totalidade da obra, realizada na diversidade da linguagem é propriamente o real e vivo do poema, a partir da qual este fala ao espectador. Para Rosenzweig a literatura é a arte por excelência, na medida em que permite ao leitor tomar parte do acontecendo.

Na continuação de seu trabalho, Garrido-Maturano apresenta a questão da arte situada no âmbito do judaísmo e do cristianismo, a partir da terceira parte da *Estrella*, na qual, segundo ele, a arte passa a ser o ato da Redenção, evidenciando que a vitalidade da estética rosenzweiguiana consiste em sua abordagem fenomenológica da arte, entendida sempre como manifestação.

Garrido-Maturano destaca quatro pontos para a compreensão de sua teoria da arte: a arte como processo integral; a efetividade ou vitalidade da obra que vem da interpretação do espectador; a capacidade de uma obra adquirir significado para uma comunidade de espectadores e não apenas para alguns e a capacidade de uma comunicação transverbal, descrita pela própria *Estrella*, um processo artístico íntegro que “parte do silêncio anterior à palavra e finaliza no silêncio de depois da palavra. O caminho da arte se inicia no silêncio do antemundo do pensamento e se consuma no silêncio do supramundo da comunicação perfeita”. E afirma que, embora pareça um paradoxo, “o sentido último e mais sublime da arte não é outro que gerar silêncio”. (2005, p. 247-248).

Na compreensão Rosenzweiguiana, o silêncio advém da percepção do tempo e do fato de que não temos controle dele e nem mesmo dos *acontecendo(s)* que as respostas nas relações desencadeiam. Silenciamos ao perceber que há algo fora de nós, nossa pequenez, nossa insignificância, nossa dependência, o que nos remete ao conceito de *Milagre*. Considerando o pretendido nesse trabalho, o de evidenciar o pragmatismo rosenzweiguiano e a possibilidade de um pragmatismo religioso, passemos ao percurso que nos levará à vida de duas pessoas, em especial, Teresa D’Ávila e Gian Lorenzo Bernini.

## 5 GERAR SILÊNCIO NA POLIFONIA DO MUNDO – O CONCEITO DE *MILAGRE*

Na introdução à *Estrella*, Rosenzweig havia se perguntado sobre a possibilidade de se conhecer o todo. Na sequência, faz uma reflexão introdutória na qual pergunta sobre a possibilidade de viver o *milagre*. Primeiramente, aponta como a teologia, sem perceber que o *milagre* era seu aliado, ao abrir mão desse conceito acabou por permitir a entrada do conceito da Totalidade unitária e pensável. A teologia do milagre havia feito dele um objeto de fé.

Dessa forma, a natureza era compreendida não em suas leis naturais, mas como milagre; milagre era poder levantar o véu do futuro; era ver Deus não como revelação, mas como providência ilimitada – quanto mais milagre, mais providência. O que comprovava a existência do milagre era que tudo se passasse naturalmente em relação à natureza e à experiência viva - o testemunho de crentes que enfrentavam as dificuldades de sua vida com fé. Mas o iluminismo colocou em questão a credulidade que se põe na experiência e então toda a discussão que se segue expõe a falta de radicalidade e fundamento do milagre e, uma vez que não pode ser provado com segurança, deve-se negar a possibilidade do milagre. (ROSENZWEIG, 2006, 135-141).

A Criação não tem seu lugar, é menosprezada à força de se colocar ênfase unilateralmente na Revelação e, agora, quando filosofia e teologia se separam, a Criação se torna a brecha pela qual a filosofia penetra na casa da teologia. (ROSENZWEIG, 2006, p. 141-145). A teologia acaba por substituir o conceito filosófico de verdade pelo conceito de Criação. Contudo, a questão que irá ocupar Rosenzweig neste volume da *Estrella* é outra: como podemos reconhecer na Criação a possibilidade de viver o *milagre*, que é uma possibilidade só acessível a nós na Criação?

Rosenzweig está apontando que assumir a Criação como si mesma, sem a perspectiva do tempo, coloca em destaque a perspectiva da fé, necessária para que o Homem e o Mundo se reconheçam como criatura, mas não necessariamente a forma para que sejam capazes de criaturalidade. Essa criaturalidade, por sua vez, tendo origem nos próprios elementos, Homem e Mundo, somente terá consistência numa realidade efetivamente experimentada, ou seja, Homem e Mundo experimentam seus limites, as relações que estabelecem para ultrapassá-los e assim vão reconhecendo, vai acontecendo, sua criaturalidade. Esse reconhecimento está para além da fé.

O homem vive no mundo o instante, e esse é, objetivamente, todo o tempo de que realmente dispõe, e sabe que vai morrer. A morte se coloca como a grande experiência do limite. Quando, diante disso, o homem se fecha em si mesmo temos a experiência da paralisia, do medo. Nessa experiência de paralisia podemos ter, inclusive, um homem que se entenda como criatura, que tenha fé, contudo, ele não entende a sua criaturalidade, a possibilidade que tem de dar resposta, sendo assim origem, por isso paralisa<sup>6</sup>.

Deus criou<sup>7</sup> o homem e, neste momento, o encanto da objetividade se quebrou, pois, a partir daí, Ele que falava sozinho passa a ter diante de si um Eu, um Tu para Deus, que permanece pessoal, mas sendo pessoal é plural da majestade absoluta, tanto quanto é criado; a ele o Criador se revelou no ato criador e com ele compôs um nós, diferenciando-o do restante das criaturas, ele é imagem e semelhança de Deus. Mas se Deus lhe deu o sopro da vida, será capaz de morrer? Falar? E aí está o augúrio do *milagre*. Deus olha pela última vez e agora resulta *muito bom*. Há algo aqui na Criação que aponta para além dela, que proclama na criação mesma uma sobre-criação, no terreno um supraterreno: O *muito bom* é a certeza da morte. (ROSENZWEIG, 2006, p. 199-200).

A pergunta inicial dizia respeito ao modo como podemos reconhecer na Criação a possibilidade do *milagre* que só se torna acessível a nós na Criação, e a resposta é: na vida que caminha para a morte e, ainda assim, vive! Reconhecer que a morte está ao nosso lado, caminha conosco é, por sua vez, reconhecer a nossa condição de criatura, nossa criaturalidade. O conceito de criaturalidade aqui é a experiência de ser limitado, mortal, incapaz de todas as respostas. Esse conceito não exige o dado de fé, posto ser a morte um fato, sua efetividade para todos é constatável.

De outro lado, esse conceito, **morte**, ganha importância na medida em que se trata do único conceito capaz de impor limites à necessidade do homem de tornar-se, ele mesmo, criador. Esses limites se colocam tanto pelo reconhecimento da morte quanto pelo reconhecimento do outro e ambos se dão na experiência da vida. A origem do movimento está na relação entre os elementos

<sup>6</sup> A experiência metafórica da paralisia, vivida pelo filósofo que pretende compreender a essência das coisas, é abordada por Rosenzweig em seu *El libro del sentido común sano y enfermo*. Madrid: Caparrós Editores, 2ª. ed., 2001.

<sup>7</sup> Pensamos valer o registro de que, antes de escrever “Deus criou”, nós havíamos escrito “Deus decidiu criar”. Importa ressaltar que aqui estamos diante de uma concepção muito importante em Rosenzweig, a saber, a decisão é a ação, decidir é seguir existindo. Essa concepção é a tônica do movimento. Há sempre movimento, a vida é movimento.

Deus – Homem – Mundo e não na fé na facticidade. Na Criação, a origem está em Deus e agora, na Revelação, essa origem está no homem que se relaciona: “Forte como a morte é o amor. Forte como a morte? Contra quem mostra a morte sua força? Contra aquele de quem se apodera. E o amor, sem dúvida, se apodera dos dois: do amante e da amada. [...]. A amada é tomada pelo amor: seu amor é já resposta ao seu ser tomada”. (ROSENZWEIG, 2006, p. 202).

A primeira revelação na Criação – a palavra-ato *Deus disse*, exige, por seu caráter de revelação, que irrompa uma segunda Revelação no seu sentido mais estrito, que seja revelação e nada mais. Todas as coisas são testemunhos, pelo fato mesmo de serem criadas. A Criação mesma é a primeira Revelação. Mas o sentido estrito remete ao tempo – o instante - e à ação: “E somente assim, não já como testemunho de uma Revelação sucedida em geral, e sim como exteriorização de uma Revelação que sucede *agora mesmo*, no instante, sai, a coisa, de seu passado essencial para entrar em seu presente vivo”. (ROSENZWEIG, 2006, p. 206-207).

À lógica da Revelação pertence o imperativo. O Eu e o Tu, em sua objetividade. A Revelação deve fundamentar-se na vivência como centro – no espaço e como princípio – no tempo e ao homem cabe **dizer agindo *Eu creio***. (ROSENZWEIG, 2006, p. 232-234). E se antes, Rosenzweig tinha apontado que o augúrio do *milagre* era a morte conquanto o que nos leva à vida que acontece no instante, agora indica a promulgação do *milagre*:

*[...] Porque o ser amado não tem vigência no mundo, e nele o amado não deve entender-se como se estivesse sozinho, sem amor, entregue a si mesmo; e como se todo o seu amor não fora ser amado, e sim amar eternamente. E somente no mais secreto do coração guardará agora, ao dar o passo de sair do milagre do amor divino ao mundo terrestre, aquela palavra dos antepassados que dá força e inspiração à tarefa que tem diante de si ao recordar o vivido no interior do círculo mágico: Como Ele te ama, ama tu assim. (2006, p. 252).*

Quando Rosenzweig questionou sobre a possibilidade de viver o *milagre*, mostrou que o *milagre* é a vida que resiste sabendo que irá perecer, *milagre* é ter o instante que se nos é dado como que de uma fonte inesgotável, de um Deus que assim se revela e para o qual nos revelamos nós, criaturas, ao assumirmos o amor ao próximo, e o mundo, ao assumir a sua criaturalidade, deslocando-nos de uma visão de mundo que se lhe impõe como que uma existência própria e independente das relações. A Revelação traz a Criação, porque no instante recordamos sempre o nosso passado, nossa ancestralidade, e antecipa

a Redenção, uma vez que, ao assumirmos a responsabilidade pelo outro hoje, voltamos nosso olhar para a descendência e tomamos consciência de que a Redenção é o próprio ato de nosso amor.

Na sequência, Rosenzweig aponta que amar o próximo é o principal mandamento de judeus e cristãos, resumindo todos os outros, particulares, e fazendo deles mandamentos vivos para além das leis. Para tanto é necessário o ato de amor, o qual, por sua vez, não pode acontecer se não houver a superação de si mesmo (Cf. 2006, p. 253):

*[...] O si-mesmo meramente entregue e abandonado, na felicidade de seu ser amado por Deus está morto para o mundo; melhor dizendo: está morto para todos menos para Deus. Do mesmo modo que o mero Criador sempre está em perigo de voltar a fundir-se no oculto, assim também o está de fundir-se no fechado a mera felicidade da alma abismada no olhar amoroso de Deus. O homem fechado em si mesmo é o que, igual ao Deus oculto, está no limite da Revelação que a separa do Antemundo. (ROSENZWEIG, 2006, p. 254).*

## 6 BELEZA E ESPIRITUALIDADE – UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

É nesse ponto, como plena atualização do *Milagre*, que inserimos a exuberante e delicada mulher de Deus e o apaixonado, e não reconhecido, homem das artes e a decorrente reflexão sobre a possibilidade do encontro entre a beleza e a espiritualidade.

Nascida em Ávila em 1515, Teresa de Cepeda y de Ahumana, guiada por Deus por meio de colóquios místicos e por seu colaborador e conselheiro espiritual São João da Cruz (reformador da parte masculina da ordem carmelita), empreendeu, aos quarenta anos, uma missão que tem algo de incrível para uma mulher de saúde delicada como a sua. Tendo reformado o mosteiro de São José, fora dos muros de Ávila, partiu para todas as direções da Espanha. Levou a termo numerosas fundações, suscitando também muitos ressentimentos, a ponto de lhe ser temporariamente revogada a licença de reformar outros conventos ou de fundar novas casas.

Mestra de místicos e diretora espiritual, manteve correspondências epistolares com o próprio rei Filipe II da Espanha e com os personagens mais ilustres da época. Como, no entanto, era uma mulher prática, ocupava-se das mínimas coisas do convento e não descuidava da parte econômica, pois dizia

sabiamente: “Teresa sem a graça de Deus é uma pobre mulher, com a graça de Deus, uma força; com a graça de Deus e muito dinheiro, uma potência.” Teresa escreveu, por solicitação do confessor, a história da sua vida, um livro de confissões.

No prefácio observa: “Eu quisera que, como me mandaram escrever o meu modo de oração e as graças que me deu o Senhor, me concedessem também de contar minuciosamente e com clareza os meus grandes pecados”. É a história de uma alma que apaixonadamente luta para subir, sem no começo conseguir. Por isso do ponto de vista humano, Teresa aparece mais próxima de nós, dando-nos a imagem de uma criatura feita de carne e osso.<sup>8</sup>

Desde a meninice manifestou um temperamento exuberante (aos sete anos havia fugido de casa para procurar o martírio na África) e tendências antagônicas à vida mística e à atividade prática, organizadora. Duas vezes esteve gravemente enferma. Durante a doença começou a viver algumas experiências místicas que transformaram profundamente a sua vida interior, dando-lhe a percepção da presença de Deus. A experiência mística foi descrita por ela mais tarde nos seus livros: *O Livro da Vida*, *O Caminho da Perfeição*, *Pensamentos sobre o amor de Deus*, *O Castelo interior*. Morreu em Alba de Tormes, na noite de 15 de outubro de 1582 e em 1622 foi proclamada Santa pela Igreja Católica Apostólica Romana. O Papa Paulo VI, a 27 de setembro de 1970, reconheceu-lhe o título de Doutora da Igreja.

Voltemos a Bernini. Convidado para fazer uma imagem de Santa Teresa D’Ávila na capela Cornaro da igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma (1647), Gian Lorenzo Bernini, escultor, arquiteto e pintor italiano retrata o Êxtase de Santa Teresa. Vivendo em Roma e tendo lugar no Vaticano, nas sucessões papais, como escultor oficial da Igreja, Gian Lorenzo é o retrato de uma alma dividida num corpo de desejos. Vive um caso apaixonado com uma mulher casada para quem faz um busto em mármore, cujos efeitos de ondulação na gola usada por ela causam espanto por sua leveza, em se considerando a brutalidade de sua matéria prima.

Irremediável e perdidamente apaixonado, nosso artista se vê atordoado pela desconfiança de uma traição. Prepara então um flagrante que tem como resultado a quase morte de seu irmão, o traidor, por suas próprias mãos e o

<sup>8</sup> As biografias de Teresa D’Ávila e Gian Lorenzo Bernini, expostas aqui em linguagem coloquial e livre, foram coletadas de diferentes fontes. Claramente destacamos aqui os pontos que nos chamaram mais atenção por guardarem estreita relação com os objetivos dessa argumentação e, para além disso, com o nosso olhar de espectadora-contempladora da vida e da arte...

mandato para que a mulher seja atacada, tenha seu rosto completamente marcado por cicatrizes de cortes para sempre, a fim de que sua beleza nunca mais conduzisse a ele ou a outros ao erro e ao pecado. Ainda assim, mesmo tendo confessado seus crimes, por interesse da Igreja, é mantido no Vaticano. Mais tarde, devido às trapaças de seu concorrente mais renomado e também por sua falta de comprometimento com o trabalho, com sua própria arte, é afastado, tendo de se conformar a uma vida de miséria.

Gian Lorenzo Bernini se casa e gradualmente vai mudando, agora menos atormentado por suas paixões e vaidades, relegado que está praticamente ao anonimato. É Nesse momento recebe o convite para fazer a escultura de Teresa D'Ávila e mais tarde voltará ao Vaticano. Aqui se entrelaçam duas vidas, duas obras... Ela escreve sua vida profundamente consciente, porque sensivelmente tocada na pele, de que não poderá abandonar o corpo para chegar a Deus. Ele sabedor dos caminhos turvos trilhados com o corpo que não foi capaz de abandonar deve retratar o encontro da Santa com o divino. Retrata então uma mulher que, lânguida na compreensão de alguns, esbanja sensualidade na visão de outros, vê-se nos braços de um Anjo que a acolhe e aponta para sua vagina uma flecha com a qual temos a impressão de que irá penetrá-la e, ao mesmo tempo e de forma inexplicável, o olhar da Santa e do Anjo, o todo da cena eleva a mesma flecha para o alto e disso depreendemos o que podemos chamar das duas transcendências almeçadas por homens e mulheres – a do encontro amoroso e da carne e a do encontro amoroso com Deus!

Para alguns, somente um homem que conheceu o mal e o pecado tão de perto poderia retratar com tanta perfeição a realidade de uma mulher que viveu os tormentos de seus pecados concomitantes à sua vontade de encontrar a Deus e viver por Ele. Os caminhos para esses encontros e desencontros, desse homem e dessa mulher de Deus, se traçam e entrelaçam na vida e na obra, do escultor e da Santa, numa relação real com o pecado e com o mal enquanto se aspira à vida.

Ao iluminar esses entrelaçamentos possíveis, desejamos nos aproximar da possibilidade do encontro entre epistemologia e mística, modernidade e passado e instituição e experiência, de modo a responder pela possibilidade da beleza que advém de uma espiritualidade concretizada na Vida. Para Rosenzweig o homem tem tudo o que precisa: tem a si mesmo, ao outro e ao instante. Amar é uma conquista diária, em meio a quedas e, algumas vezes, em meio à transgressão, à violação oportuna de regras e normas em nome desse amor porque mais forte do que a morte é o amor...

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo pretendemos evidenciar o pragmatismo de Franz Rosenzweig (1898 – 1929) que coloca as relações entre Deus – Homem – Mundo como lugares da existência e do conhecimento no tempo. Do mesmo modo, tal compreensão rosenzweiguiana evidencia a possibilidade de um pragmatismo religioso, dada a ênfase que o autor coloca na compreensão da religião como resposta/ação.

A Beleza como caminho para a salvação, assunto bastante relevante no atual debate filosófico-teológico, pode ser um caminho privilegiado tanto para facilitar ao homem a compreensão de sua condição - a humana, e a possibilidade de transcendência, como para fazer com que as próprias religiões se repensem, abrindo a possibilidade de diálogo entre as tradições religiosas e a modernidade, entre crentes e não crentes.

O Caminho da Beleza, que considera o impacto suscitado pela experiência do encontro com ela, pode dispor o coração e a mente do homem ao cumprimento do grande mandamento do amor ao próximo - o reconhecimento de que há algo fora de nós que nos dá conta de nossa insuficiência e de nossa dependência, dando margem para as relações. A concepção rosenzweiguiana de Beleza, por sua vez, está plenamente imbricada numa *espiritualidade* – caracterizada como resposta na relação –, acontecendo como realidade temporal.

Entendemos que a compreensão fenomenológica da Beleza em Rosenzweig, como proposta por Garrido-Maturano, não consegue abarcar esse aspecto pragmático da filosofia rosenzweiguiana. Para este, a Literatura, dentre as artes, é lugar privilegiado, posto ser capaz de colocar o leitor como que *em* ação, tornando-se parte, enquanto lê uma narrativa. Ler e narrar é viver e esta vivência é capaz de interferir no mundo, alterando relações futuras. Para demonstrar isso interligamos numa narrativa coloquial a vida e obra de Teresa D'Ávila e Gian Lorenzo Bernini, tecendo assim uma ligação pragmática entre os conceitos aqui abordados.

Em termos de pesquisa, esse trabalho fundamenta nossa compreensão da interseção entre Literatura e Religião, tal como se encontra em nosso livro *O Mal em Machado de Assis – Cristianismo versus Condição Humana*:<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Ver resenha sobre este livro neste número desta revista.

*Para refletir sobre a morte; a condição humana; a educação; a religião; o cristianismo, tão presente em nossa cultura ocidental [...] bem como sobre o mal, temas estes decorrentes da empiria [...], escolhemos a leitura de Machado de Assis, precisamente a obra Memórias póstumas de Brás Cubas, analisada na perspectiva da Filosofia da Religião - aqui compreendida como a ciência da religião que pretende fornecer elementos que possibilitem o diálogo entre a razão, como a compreendemos atualmente, pelo viés da ciência ou da filosofia, com a razão religiosa, ou seja, a compreensão racional advinda de conceitos originários da religião - e da Filosofia da Educação. (CÂNDIDO, 2011, p. 17-18).*

Nesse caminho, quem sabe, algumas das questões, deixadas aqui em suspenso, sejam mais uma vez problematizadas e até mesmo respondidas, como acontece, aliás, na vida, que nos fornece tantas vezes respostas para questões que sequer tínhamos conseguido formular, tal é a insuficiência da razão e a enorme insuficiência humana para realizar sua mais alta pretensão, a saber, a de ser verdadeiramente homem e autenticamente humano.

## REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Viviane Cristina. *Epistemologia da Controvérsia para o Ensino Religioso: aprendendo e ensinando na diferença, fundamentados no pensamento de Franz Rosenzweig*. 2008. 412 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *O mal em Machado de Assis – Cristianismo versus Condição Humana*. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* na perspectiva da Filosofia da Religião e da Educação. São Paulo: Musa Editora, 2011.

ESTRADA, Juan Antonio. *El cristianismo en una Sociedad Laica: cuarenta años después del Vaticano II*. España: Editorial Desclée de Brouwer, 2006.

GARRIDO-MATURANO, Angel Enrique. La consumación del arte en silencio. La cuestión estética en *La Estrella de la Redención* de Franz Rosenzweig. In: ROSENZWEIG, Franz. *El Nuevo Pensamiento*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2005. p. 205-248.

\_\_\_\_\_. *La Estrella de la Esperanza*. Introducción a *La Estrella de la Redención* de Franz Rosenzweig desde una perspectiva fenomenológica. Academia Nacional de Ciencias de Buenos Aires, Buenos Aires, 2000.

GUINSBURG, J. (Org.) *O Judeu e a Modernidade: Súmula do Pensamento Judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

JÉSUM, Santa Teresa de. *Libro de la Vida*. Argentina: Lúmen, 2007.

MATE, Reyes. Renacimiento del pensamiento judío em el siglo XX, p. 409-431. In: VILA-CHÁ, João J. (Ed.). *Entre Razão e Revelação: A 'Lógica' da Dimensão Semítica na Filosofia*. Braga: Revista Portuguesa de Filosofia, 2006, v. 1, p. 409-431. 686p.

ROSENZWEIG, Franz. *El libro del sentido común sano y enfermo*. Madrid: Caparrós Editores, 2. ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *El Nuevo Pensamiento*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. *La Estrella de la Redención*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

SMITH, Barbara Herrnstein. *Crença e Resistência: a dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea*. Trad. Maria Elisa Marchini Sayeg. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Existência em decisão – uma introdução ao pensamento de Franz Rosenzweig*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

STARK, Rodney; W.S. Bainbridge. *A Theory of Religion*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.

VILA-CHÁ, João J. (Ed.). *Entre Razão e Revelação: A 'Lógica' da Dimensão Semítica na Filosofia*. Braga: Revista Portuguesa de Filosofia, 2006, v. 1, 686p.

*Recebido em 21/10/2011*

*Aceito em 30/09/2012*